

LIMEIRA ESPIRITA

Nº 169 | MARÇO / ABRIL | 2012 | ORGÃO DE PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

30
ANOS



ABORTO DE ANENCÉFALOS

Foto tirada por Michael Clancy, em 1999 da complexa cirurgia na coluna de um bebê de 21 semanas na barriga da mãe. Médico Dr. Joseph P. Bruner no Vanderbilt University Medical Center.

Nada no Universo ocorre como fenômeno caótico, resultado de alguma desordem que nele predomine. O que parece casual, destrutivo, é sempre efeito de uma programação transcendente, que objetiva a ordem, a harmonia.

De igual maneira, nos destinos humanos sempre vige a Lei de Causa e Efeito, como responsável legítima por todas as ocorrências, por mais diversificadas apresentem-se.

O Espírito progride através das experiências que lhe facultam desenvolver o conhecimento intelectual enquanto lapida

as impurezas morais primitivas, transformando-as em emoções relevantes e libertadoras.

Agindo sob o impacto das tendências que nele jazem, fruto que são de vivências anteriores, elabora, inconscientemente, o programa a que se deve submeter na sucessão do tempo futuro.

Harmonia emocional, equilíbrio mental, saúde orgânica ou o seu inverso, em forma de transtornos de várias denominação, fazem-se ocorrência natural dessa elaborada e transata proposta evolutiva.

Continua na pág. 2

**CHICO, KARDEC E
A ARTE DE CONSOLAR**

Pág. 4

**TESTEMUNHOS
DE AMOR**

Pág. 5

**ABENÇOADO
ESQUECIMENTO**

Pág. 6

Todos experimentam, inevitavelmente, as consequências dos seus pensamentos, que são responsáveis pelas suas manifestações verbais e realizações exteriores.

Sentindo, intimamente, a presença de Deus, a convivência social e as imposições educacionais, criam condicionamentos que, infelizmente, em incontáveis indivíduos dão lugar às dúvidas atrozes em torno da sua origem espiritual, da sua imortalidade.

Mesmo quando se vincula a alguma doutrina religiosa, com as exceções compreensíveis, o comportamento moral permanece materialista, utilitarista, atado às paixões defluentes do egotismo.

Não fosse assim, e decerto, muitos benefícios adviriam da convicção espiritual, que sempre define as condutas saudáveis, por constituírem motivos de elevação, defluentes do dever e da razão.

Na falta desse equilíbrio, adota-se atitude de rebeldia, quando não se encontra satisfeito com a sucessão dos acontecimentos tidos como frustrantes, perturbadores, infelizes...

Desequipado de conteúdos superiores que proporcionam a autoconfiança, o otimismo, a esperança, essa revolta, estimulada pelo primarismo que ainda jaz no ser, trabalhando em favor do egoísmo, sempre transfere a responsabilidade dos sofrimentos, dos insucessos momentâneos aos outros, às circunstâncias ditas aziagas, que consideram injustas e, dominados pelo desespero fogem através de mecanismos derrotistas e infelizes que mais o degrada, entre os quais o nefando suicídio.

Na imensa gama de instrumentos utilizados para o autocídio, o que é praticado por armas de fogo ou mediante quedas espetaculares de edifícios, de abismos, desarticula o cérebro físico e praticamente o aniquila...

Não ficariam aí, porém, os danos perpetrados, alcançando os delicados tecidos do corpo perispiritual, que se encarregará de compor os futuros aparelhos materiais para o prosseguimento da jornada de evolução.

É inevitável o renascimento daquele que assim buscou a extinção da vida, portando degenerescências físicas e mentais, particularmente a anencefalia.

Muitos desses assim considerados, no entanto, não são totalmente destituídos do órgão cerebral.

Há, desse modo, *anencéfalos* e *anencéfalos*.

Expressivo número de *anencéfalos* preserva o cérebro primitivo ou reptiliano, o diencefalo e as raízes do núcleo neural que se vincula ao sistema nervoso central...

Necessitam viver no corpo, mesmo que a fatalidade da morte após o renascimento, reconduza-os ao mundo espiritual.

Interromper-lhes o desenvolvimento no útero materno é crime hediondo em relação à vida. Têm vida sim, embora em padrões diferentes dos considerados normais pelo conhecimento genético atual...

Não se tratam de coisas conduzidas interiormente pela mulher, mas de filhos, que não puderam concluir a formação orgânica total, pois que são resultado da concepção, da união do espermatozoide com o óvulo.

Faltou na gestante o ácido fólico, que se tornou responsável pela ocorrência terrível.

Sucede, porém, que a genitora igualmente não é vítima de

injustiça divina ou da espúria Lei do Acaso, pois que foi corresponsável pelo suicídio daquele Espírito que agora a busca para juntos conseguirem o inadiável processo de reparação do crime, de recuperação da paz e do equilíbrio antes destruído.

Quando as legislações desvairam e descriminam o aborto do anencéfalo, facilitando a sua aplicação, a sociedade caminha, a passos largos, para a legitimação de todas as formas cruéis de abortamento.

...E quando a humanidade mata o feto, prepara-se para outros hediondos crimes que a cultura, a ética e a civilização já deveriam haver eliminado no vasto processo de crescimento intelecto-moral.

Todos os recentes governos ditatoriais e arbitrários iniciaram as suas dominações extravagantes e terríveis, tornando o aborto legal e culminando, na sucessão do tempo, com os campos de extermínio de vidas sob o açodado dos mórbidos preconceitos de raça, de etnia, de religião, de política, de sociedade...

A morbidez atinge, desse modo, o clímax, quando a vida é desvalorizada e o ser humano torna-se descartável.

As loucuras eugênicas, em busca de seres humanos perfeitos, respondem por crueldades inimagináveis, desde as crianças que eram assassinadas quando nasciam com qualquer tipo de imperfeição, não servindo para as guerras, na cultura espartana, como as que ainda são atiradas aos rios, por portarem deficiências, para morrer por afogamento, em algumas tribos primitivas.

Qual, porém, a diferença entre a atitude da civilização grega e o primarismo selvagem desses clãs e a moderna conduta em relação ao anencéfalo?

O processo de evolução, no entanto, é inevitável, e os criminosos legais de hoje, recomeçarão, no futuro, em novas experiências reencarnacionistas, sofrendo a frieza do comportamento, aprendendo através do sofrimento a respeitar a vida...

Compadece-te e ama o filhinho que se encontra no teu ventre, suplicando-te sem palavras a oportunidade de redimir-se.

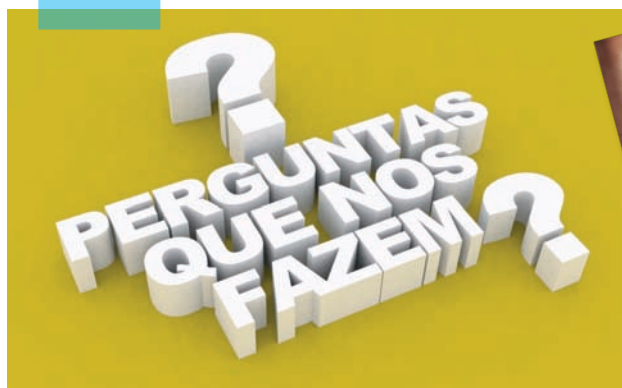
Considera que se ele houvesse nascido bem formado e normal, apresentando depois algum problema de idiotia, de hebefrenia, de degenerescência, perdendo as funções intelectivas, motoras ou de outra natureza, como acontece amiúde, se também o matarias?

Se exercitares o aborto do anencéfalo hoje, amanhã pedirás também a eliminação legal do filhinho limitado, poupando-te o sofrimento como se alega no caso da anencefalia.

Aprende a viver dignamente agora, para que o teu seja um amanhã de bênçãos e de felicidade.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na reunião mediúnica da noite de 11 de abril de 2012, quando o Supremo Tribunal de Justiça, estudava a questão do aborto do anencéfalo, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)



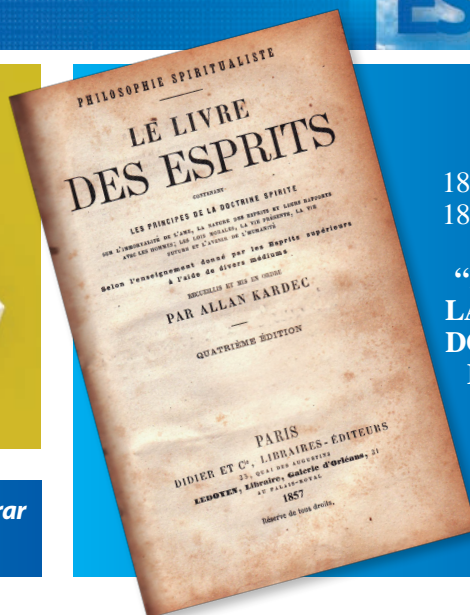
919. Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

- Um sábio da Antiguidade vos disse: “Conhece-te a ti mesmo”.

919a. Compreendemos toda a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio. Qual o meio de chegar a isso?

- Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: no fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria tido motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e ver o que em mim necessitava de reforma. Aquele que todas as noites lembrasse todas as suas ações do dia, e, se perguntasse o que fez de bem ou de mal, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditai-me, Deus o assistirá. Formulai, portanto, as vossas perguntas, indagai o que fizestes e com que fito agistes em determinada circunstância, se fizestes alguma coisa que censuráveis nos outros, se praticastes uma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém? Examinai o que pudésseis ter feito contra Deus, depois contra o próximo e por fim contra vós mesmos. As respostas serão motivo de repouso para vossa consciência ou indicarão um mal que deve ser curado.

O conhecimento de si mesmo é portanto a chave do melhoramento individual. Mas, direis, como julgar a si mesmo? Não se terá a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avaro se julga simplesmente econômico e providente, o orgulhoso se considera tão somente cheio de dignidade. Tudo isso é muito certo, mas tendes um meio de controle que não vos pode enganar. Quando estais indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, perguntai como a qualificaríeis se tivesse sido praticada por outra pessoa. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça. Procurai também saber o que pensam os outros e não negli-



18 de abril de 1857
18 de abril de 2012

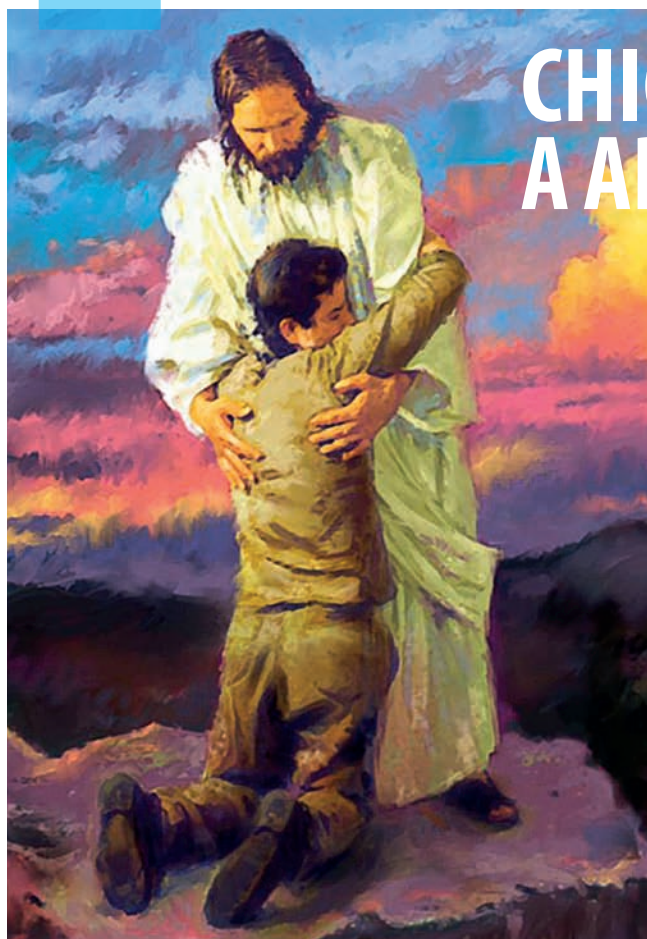
**“155 ANOS DO
LANÇAMENTO
DO LIVRO DOS
ESPÍRITOS”**

gencieis a opinião dos vossos inimigos, porque eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e geralmente Deus os colocou ao vosso lado como um espelho, para vos advertirem com mais franqueza do que o faria um amigo. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço da sua jornada moral como o negociante o faz dos seus lucros e perdas, e eu vos asseguro que o primeiro será mais proveitoso que o outro. Se ele puder dizer que a sua jornada foi boa, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na outra vida.

Formulai, portanto, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las: pode-se muito bem consagrar alguns minutos à conquista da felicidade eterna. Não trabalhai todos os dias para ajuntar o que vos dê repouso na velhice? Esse repouso não é o objeto de todos os vossos desejos, o alvo que vos permite sofrer as fadigas e as privações passageiras? Pois bem: o que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquilo que aguarda o homem de bem? Isto não vale a pena de alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro incerto. Ora, aí está, precisamente, o pensamento que fomos encarregados de destruir em vossas mentes, pois desejamos fazer-vos compreender esse futuro de maneira a que nenhuma dúvida possa restar em vossa alma. Foi por isso que chamamos primeiro a vossa atenção para os fenômenos da Natureza que vos tocam os sentidos e depois vos demos instruções que cada um de vós tem o dever de difundir. Foi com esse propósito que ditamos O Livro dos Espíritos.

SANTO AGOSTINHO

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais frequentemente a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem disso nos apercebermos, por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que uma máxima que em geral não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam lugar a alternativas: respostas que são outros tantos argumentos pessoais, pela soma das quais podemos computar a soma do bem e do mal que existe em nós.



CHICO, KARDEC E A ARTE DE CONSOLAR.

Contudo, como o assunto central é o consolo proporcionado pela literatura espírita, destacamos o livro “Estamos Vivos” publicado pelo Instituto de Difusão Espírita – IDE – obra esta portadora da história de jovens que tiveram o desencarne brutal em acidente automobilístico, chocando, naturalmente, toda a família e a população de Frutal - MG, cidade onde residiam, isto no ano de 1985.

O livro mostra que a vida rompe os corredores escuros de uma morte que nos foi ensinada como um arcabouço sombrio e torturante. Além de confortar a família dos jovens pelas cartas escritas contando particularidades conhecedoras apenas dos familiares, a obra instrui e ensina comprovando a imortalidade da alma.

Coloco-me a pensar na dor e dificuldade dos familiares em encarar o desencarne de seus amores, são momentos de angustia, aflição, desalento e impotência, porquanto a morte, quando não analisada sob o prisma da continuação da vida, traz consigo o sentimento de impotência, fazendo-se soberana onde o servo ou o senhor, o obtuso ou o inteligente, o são ou o doente são obrigados a aceitar inapelavelmente seus insondáveis desígnios. O Espiritismo nesse mister desempenha nobre e esclarecedor papel; o papel de consolar e mostrar o caráter temporário da separação. Sim, Para nós espíritas a ideia do reencontro com os amores que nos precederam na grande viagem é comum, todavia, nem todos têm esse conhecimento. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística) somente 1,3% da população brasileira é espírita. Não que para ter conhecimento da continuação da vida seja necessário abraçar a causa kardequiana, porquanto a realidade da vida que rasga o véu da morte é uma verdade, e como verdade cedo ou tarde manifestar-se-á nas consciências e corações de todos, sem que seja preciso estar nesta ou naquela religião. Porém, forçoso admitir que o Espiritismo traz em seus princípios o papel de consolar; porquanto consolar significa encorajar a prosseguir, enxugando lágrimas e alegrando a jornada daqueles que estão em situação de desânimo, de modo a tornar menos penosa a partida e menos aguda a saudade dos amores colhidos pela ventania da morte do corpo físico. A missão do espírita, portanto, é divulgar as obras de Kardec e Chico para que mais e mais pessoas tomem conhecimento dos benefícios oferecidos pela literatura espírita. Fica, pois, a dica para leitura do livro “Estamos Vivos”, psicografada pelo inesquecível Chico Xavier.

A continuidade da vida além da efêmera existência física é uma realidade. Embora seja ideia comum para muitos povos ao longo dos milênios de civilização, há, ainda hoje, uma multidão inconsolável de pessoas que sofrem pela partida do ente amado. Consideram que a morte do corpo físico é o final de tudo, e que não sobrarão lembranças, muitas guardadas nos baús em fotos que alfinetam o coração e transformam em meras migalhas os relacionamentos baseados na sincera afeição. No entanto, é preciso reforçar que estão equivocadas, o Espiritismo comprova definitivamente a imortalidade da alma nas pesquisas e estudos realizados por Allan Kardec, e mais adiante pelas divinas mãos de Chico Xavier, que transformou lágrimas de tristeza e desolação em alento e esperança a corações combalidos pela partida do ente querido.

Aliás, a bibliografia nascida do médium Chico Xavier merece capítulo à parte, de suas mãos por intermédio da espiritualidade floresceram livros com os mais diversos assuntos nas mais diferentes áreas do saber humano. Tão fascinante a figura de Chico que, não raro, o médium necessitava utilizar o que o mundo da gramática chama de hipérbole, ou seja, uma linguagem exagerada para expressar pensamento. Em relação a si mesmo, costumeiramente Chico dizia ser apenas um cisco, não porque depreciasse sua imagem, mas sabedor da tendência humana à idolatria fazia questão de ressaltar seu lado humano para que não o colocassem acima do bem e do mal endeusando sua figura. E ainda assim, alguns o idolatravam, tentando imputar a ele um caráter místico, sobrenatural, no entanto, imperturbável, o médium seguia firme, sereno em sua tarefa mediúnica com Jesus.

Artigo de Wellington Balbo

Fonte: O Consolador - Revista Semanal de Divulgação Espírita



A CRUZ DE OURO E A CRUZ DE PALHA

Alguns membros da Juventude Espírita do Distrito Federal e de Belo Horizonte visitavam o Chico.

Antes de começar a Sessão do Luiz Gonzaga, palestravam animadamente sobre assunto de Doutrina e a tarefa destinada aos moços espíritas.

Uma jovem inteligente, desejando orientação e estímulo, colocou o Chico a par das dificuldades encontradas para vencer o pessimismo de uns, a quietude e a incompreensão de muitos.

Poucos queriam trabalho sacrificial, testemunhador do roteiro evangélico, que estava a exigir dos jovens uma vida limpa, correta, vestida de abnegação e renúncia.

Desejavam colher sem semear.

O Chico ouviu e considerou:

- O trabalho das Juventudes, com Jesus, tem que ser mesmo diferente.

Sua missão será muito difícil e por isso gloriosa. E recebe de Emmanuel esta elucidação envolvida na roupagem pobre de nosso pensamento:

- Há a cruz de ouro e a cruz de palha, simbolizando nossas Tarefas.

A de ouro, a mais procurada, pertence aos que querem brilhar, ver seus nomes nos jornais, citados, apontados, elogiados, como beneméritos.

Querem simpatia e bom conceito. Se tomam parte em alguma Instituição, desejam, nela, os lugares de mando e de evidência.

Querem cargos e não encargos.

A de palha, a menos procurada, no entanto, pertence aos que trabalham como as abelhas, escondidamente e em silêncio.

Lutam e caminham, com humildade, na certeza de que por muito que façam, mais poderiam fazer.

Não se ensoberbecem dos triunfos, antes se estimulam e se defendem com oração e vigilância, sentindo a responsabilidade que assumiram como chamados, por Jesus, à Tarefa Diferente.

Entendem a serventia das mãos e dos pés, dos olhos e da mente, do coração, enfim, colocando amor e humildade em seus atos, nos serviços que realizam.

Por carregarem a cruz de palha, toleram o vômito de um, o insulto de mais outro, a incompreensão de muitos, testemunhando a caridade desconhecida, oferecendo, com o sofrimento e a renúncia, com o silêncio e o bom exemplo, remédios salvadores aos companheiros que os adversam, os ferem e desconhecem a vitória da “segunda milha”.

Os jovens presentes estavam satisfeitos. De seus olhos, órgãos musicais da alma, saíam notas gratulatórias exornando o ambiente feliz que viviam.

De mais não precisavam.

Entenderam o Trabalho que lhes cabia realizar nas Terras do Brasil, o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

Linda lição com vista também aos velhos, a todos que conseguem ouvir Jesus na hora em que poucos O ouvem.



ABENÇOADO ESQUECIMENTO

“O esquecimento na reencarnação pode ser interpretado como sendo o processo de anestesia que Deus nos concedeu, através da ciência médica, para sermos cirurgiados, com o mínimo de dor, na erradicação de nossos defeitos e débitos de vidas passadas.”
(Chico Xavier)

Bela analogia que nos ajuda no entendimento da passagem “Esquecimento do Passado”, trazida no capítulo V, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Muitos de nós, incorremos ao erro de buscar justificativas para nossa frequente omissão no bem, nos valendo do subterfúgio de não termos o conhecimento do que fizemos em outras existências. Ledo engano, afinal, o esquecimento de nosso passado não é obstáculo que nos impeça a caminhada, muito pelo contrário, como bem colocado, é um instrumento abençoado que nos permite uma atenuante à dor.

Decerto, dada nossa condição evolutiva, não suportaríamos as perturbações advindas de eventual sentimento de ódio outrora cultivados. Uma experiência desastrosa cujos protagonistas somos nós – seja na condição de ofensor ou na condição de ofendido – não teríamos como exercer nosso livre-arbítrio do novo ponto de partida, que nos é concedido pelo instrumento da reencarnação.

Atrélada à ideia de esquecimento do passado, podemos nos permitir uma reflexão à parte, trazida para um universo um pouco mais estreito. Poderíamos lançar um olhar para diversas circunstâncias que passamos em nosso cotidiano, em que muitas vezes, ainda por algumas de nossas más tendências, nos permitimos alimentar por sentimentos primitivos. Ódio, raiva, mágoa são sentimentos que nos deixamos acometer, talvez, porque não conseguimos esquecer. Sim, o exercício do esquecimento para essa nossa existência. Se conseguíssemos esque-

cer o mal que nos fazem, muitos de nós teríamos uma condição melhor para o exercício de outras práticas pertinentes à doutrina Espírita e que fazem tão bem ao espírito. O perdão é um exemplo desse exercício que tanto temos dificuldade de exercer, que se nos esforçássemos para esquecer o mal que nos fazem e abrísssemos nosso coração para sentimentos elevados, certamente resgataríamos muitos de nossos débitos com maior eficácia e galgaríamos na mesma proporção um degrau a mais em nossa escala evolutiva.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, encontramos orientações que se colocássemos na vivência do dia a dia, certamente alcançaríamos melhores resultados enquanto espíritos encarnados em um mundo de expiação e provas que segue em transição.

Enfim, deixo aqui um convite: esquecimento do passado. Já que Deus, em sua misericórdia, nos proporcionou a interrupção momentânea das lembranças de vidas passadas, para que nos guiássemos pela consciência, que nos esforcemos para esquecer as ofensas que nos são dirigidas nessa existência, que muitas vezes atravancam o processo de evolução espiritual. Abençoada seja a tarefa facultada no esquecer.

